

economia

Brasil x Argentina: um diagnóstico da economia dos dois países em seis gráficos

Dados mostram diferenças econômicas, mas sem um vencedor evidente

/CONJUNTURA

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

A escalada de tensão diplomática entre Brasil e Argentina levou para o campo econômico uma disputa que já movimentava o debate político e, historicamente, pautou disputas esportivas. Depois de o presidente argentino, Javier Milei, viajar ao Brasil para participar do lançamento da candidatura de Flávio Bolsonaro à Presidência e fazer novos ataques ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, integrantes

do governo brasileiro reagiram.

Recentemente, o ministro da Fazenda, Dario Durigan, afirmou que a economia brasileira se encontra em situação melhor do que a argentina. A inflação foi um dos indicadores citados para sustentar a avaliação. A comparação rapidamente passou a alimentar a polarização entre esquerda e direita, com cada lado selecionando números para defender governos e modelos econômicos distintos.

Os dados, porém, não produzem um vencedor tão claro. O Brasil tem inflação e desemprego menores e uma economia maior

e mais diversificada. A Argentina, por sua vez, voltou a crescer em ritmo mais acelerado, alcançou superávit primário e ainda apresenta renda per capita superior à brasileira. Por trás dos números, os dois países atravessam momentos econômicos profundamente diferentes.

“É mais difícil comparar a economia do Brasil com a da Argentina do que comparar o futebol do Brasil com o da Argentina”, resume o professor de MBAs da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Mauro Rochlin.

Para o economista Gustavo Inácio de Moraes, professor da



FABRICE COFFRINI E EVARISTO SA/AFP/JC

Escalada de tensão entre Milei e Lula despertou debate no campo econômico

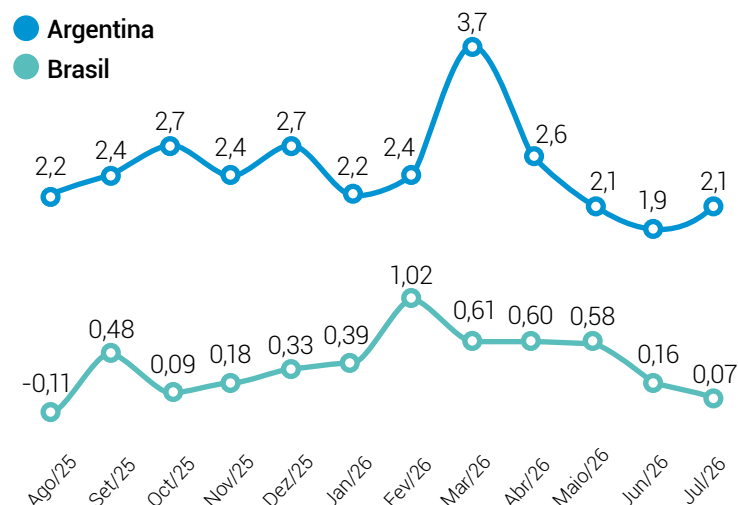
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs), a primeira ressalva está na diferença de escala. Ele lembra que o estado de São Paulo, sozinho, possui população e economia maiores do que toda a Argentina.

Além do tamanho, o Brasil conta com uma estrutura produtiva, uma pauta exportadora e um conjunto de parceiros comerciais mais diversificados. Já a Argenti-

na permanece mais dependente de produtos primários e do próprio mercado brasileiro, o que reduz sua capacidade de reação diante de crises.

Mesmo assim, indicadores ajudam a entender o momento econômico vivido em cada país. Veja a seguir, em 6 gráficos, como estão a inflação, desemprego, juros, PIB, resultado fiscal e renda per capita de Brasil e Argentina.

Inflação | Brasil (IBGE) x Argentina (INDEC)



Brasil | Acumulado em 12 meses = **4,44%**
Argentina | Acumulado em 12 meses = **33,8%**

Inflação menor no Brasil contrasta com a da Argentina

A maior diferença entre os dois países aparece na inflação. Nos 12 meses encerrados em julho, o IPCA acumulou alta de 4,44% no Brasil, enquanto a inflação argentina chegou a 33,8%. No mês, os preços avançaram 0,07% no Brasil e 2,1% na Argentina.

Apesar da distância, os economistas alertam que a comparação exige contexto. Milei assumiu o governo com uma inflação mensal próxima de 25% e implementou um programa baseado em forte ajuste fiscal para conter a alta dos preços.

“Hoje a inflação mensal está cerca de 2%, enquanto no úl-

timo mês do governo anterior chegou a cerca de 25%. Foi uma redução muito expressiva”, afirma Rochlin.

Segundo ele, o controle foi obtido principalmente por meio da redução dos gastos públicos, sem congelamento de preços ou confisco de patrimônio. O custo foi uma recessão acompanhada de aumento do desemprego e perda de renda.

Mesmo assim, ele ressalta que ainda é cedo para afirmar que a inflação foi definitivamente vencida. Isso porque a Argentina segue registrando uma alta de preços muito superior à brasileira.

Para o economista Gustavo Inácio de Moraes, professor da Pucrs, a principal explicação está na perda histórica de credibilidade da moeda argentina. Crises sucessivas, déficits fiscais e episódios como o “corralito” (congelamento de ativos e limite de saques bancários imposto na Argentina no ano de 2001) reduziram a confiança no peso e no sistema financeiro. “A falta de credibilidade da moeda acaba explicando boa parte das diferenças entre Brasil e Argentina, refletindo também nos juros, no crescimento e nos demais indicadores”, explica.

Desemprego inverte posições desde 2022

O mercado de trabalho apresenta um movimento inverso ao observado quatro anos atrás. Em 2022, segundo dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), a taxa de desemprego brasileira era de 9,3%, contra 6,8% na Argentina.

Desde então, o desemprego recuou no Brasil, passando para 8% em 2023, 6,9% em 2024 e 6% em 2025. Para 2026, o FMI projeta uma taxa de 6,8%.

Na Argentina, o indicador passou de 6,8% em 2022 para 6,1% em 2023, mas voltou a subir com o início do ajuste econô-

mico. A taxa chegou a 7,2% em 2024 e a 7,4% em 2025. Para este ano, a projeção é de 7,2%.

Rochlin relaciona diretamente a inversão ao programa de austeridade argentino. Quando o governo reduz compras, investimentos, transferências e outras despesas, diminui a quantidade de recursos em circulação e enfraquece a atividade econômica.

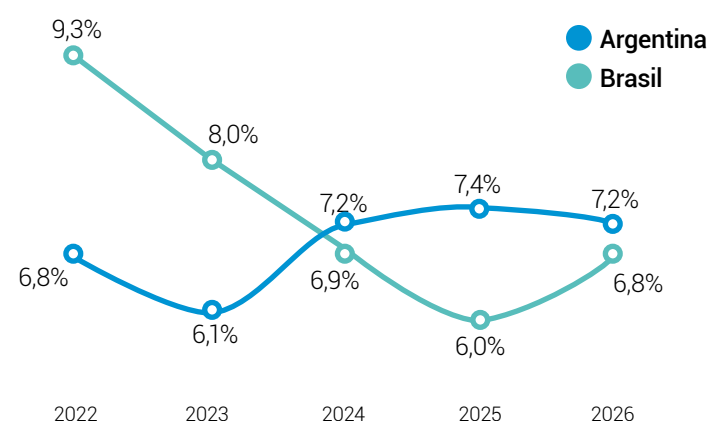
“O corte de gastos foi determinante para controlar a inflação, mas também explica a recessão de 2024 e o aumento do desemprego. Era um custo que o governo sabia que teria de en-

frentar”, comenta.

Moraes, entretanto, considera que os mercados de trabalho dos dois países ainda apresentam mais semelhanças do que diferenças. Ambos convivem com alta informalidade, predominância de postos de menor qualificação e índices elevados de pobreza.

Na Argentina, acrescenta, o desemprego é mais concentrado na Região Metropolitana de Buenos Aires. O quadro se aproxima do brasileiro, onde as maiores taxas também costumam aparecer nos grandes centros urbanos.

Desemprego | Brasil x Argentina (FMI)



2026 Brasil | **Projeção FMI = 6,8%**
2026 Argentina | **Projeção FMI = 7,2%**